

## Personalidade básica e cultura de massa

A chamada **cultura de massa**, através, principalmente, dos **comics**, canções, cinema, televisão e fotonovelas, pressiona o indivíduo no sentido de afastá-lo da influência dos grupos primários, oferecendo-lhe modelos **universais** de relações sociais e de integração na sociedade. Para isso, ela se vale: do volume de meios à sua disposição; da intensidade e rapidez com que suas mensagens chegam ao receptor; da pressão exercida sobre os próprios grupos primários; e da divulgação esquemática e repetitiva dos princípios morais, éticos e religiosos do "homem médio universal", isto é, do "homem comum a todos os homens".

Não se trata, aqui, de estabelecer a origem da cultura de massa, nem de apurar se a pressão por ela exercida é planejada e programada para atingir determinados fins políticos ou ideológicos. Neste trabalho, pretende-se apenas analisar a constatação de um fato que parece evidente, sem, entretanto, distribuir valores predeterminados aos vários elementos da questão.

Entenda-se por **cultura de massa** a filosofia de vida caracterizada por uma "natureza a-nacional, a-estatal, egocentrista", cujos conteúdos essenciais são as necessidades privadas de amor, felicidade, aventuras,

liberdades e bem-estar, divulgadas sistematicamente pelos meios de comunicação de massa (1).

São considerados grupos primários a família, a comunidade e a escola, já que são eles, marcadamente o primeiro, que influenciam decisivamente a formação da estrutura de personalidade básica do homem.

A base teórica do trabalho está na teoria de Abram Kardiner (2) sobre a personalidade, segundo a qual "as pessoas são o que são devido a se desenvolverem em determinadas condições". Condições estas que ele vincula diretamente ao ambiente no qual o indivíduo inicia seu contato com o mundo exterior, isto é, a família.

Para Kardiner, as atitudes básicas com relação aos pais são as "instituições primárias" da sociedade e são elas que irão formar a estrutura de personalidade básica na criança. Esta estrutura, por sua vez, através do que ele chama de "sistema projetivo", irá condicionar, na personalidade em formação, a percepção das "instituições secundárias" da sociedade.

Isto equivale a dizer que, modificando-se as relações familiares, ou seja, as instituições primárias em que se fundamentam os sistemas projetivos, seriam estes últimos igualmente alterados, já que, em sua base, estaria sendo formada uma outra estrutura de personalidade básica, para substituir a original. E, conseqüentemente, a percepção das instituições secundárias passaria a ser condicionada por fatores diversos dos anteriores, por efeito de um processo desencadeado a partir da modificação das relações familiares.

Os sistemas projetivos são, pois, os instrumentos da estrutura da personalidade básica em seu processo cognitivo, uma vez que é por seu intermédio que o indivíduo, exercitando seu poder de percepção (um processo interpretativo dos estímulos recebidos, que tem como produto final uma significação), assimila os objetos sociais, de tal maneira que seus próprios processos de projeção e identificação não sejam contrariados.

Tal é também o pensamento de Ruy Coelho (3), quando afirma que, "para seu funcionamento eficiente, a regra necessita ser entendida e incorporada ao sistema psíquico total" e que "no núcleo da personalidade encontra-se o Ego, agente sintetizador capaz de refundir esses resíduos e assimilá-los à própria essência".

Ressalve-se, contudo, a posição deste autor, que não aceita a distinção de Kardiner entre instituições primárias e secundárias. Citando Dufrenne, diz ele que o "indivíduo em formação se defronta com regras de conduta que lhe cabe assimilar. Estas regras não emanam, por projeção, de sua experiência infantil, mas existem objetivamente no comportamento dos adultos".

O que significa, para ele, que ao ser imaturo "todas as instituições se apresentam como primárias, pois que lhe são exteriores e lhe afetam a formação da personalidade em maior ou menor grau. E para o adulto

todas as instituições são secundárias, tendo sido vividas como experiência social e integradas às suas pautas de ação". Primário e secundário seriam, então, apenas sinônimos de social cristalizado e não cristalizado.

De qualquer forma, parece haver um consenso sobre a importância decisiva da família, em primeiro lugar, e dos demais grupos sociais, em segundo, na formação da estrutura de personalidade básica do indivíduo. Quer como instituições primárias, quer como social cristalizado, é lícita a afirmação de que as atitudes básicas com relação aos pais merecem um destaque especial no estudo da formação da personalidade.

## OS GRUPOS PRIMÁRIOS

Os grupos primários são, pois, mais importantes para a formação da personalidade do indivíduo do que qualquer outro fator: é a partir das relações mantidas nestes ambientes que ele apreende o conteúdo das mensagens recebidas — sejam naturais ou artificiais, primárias ou secundárias, diretas ou indiretas —, nunca as apreendendo integralmente.

A integração do indivíduo nestes grupos afeta, inclusive, não só sua interpretação do conteúdo da comunicação, como também, até certo ponto, sua atitude relativa à escolha de assuntos para ler, ver ou ouvir.

Se ele, entretanto, não se integrou nestes grupos, na família principalmente, isto é, se não há de sua parte disposições individuais para comunicar-se com os demais membros do grupo, ou assentir aos seus valores, tanto na escolha dos assuntos como na sua interpretação poderão entrar em choque com as possíveis expectativas do grupo.

Evidentemente, não se pode precisar sob que condições e a partir de que momento passa a haver esta indisposição para comunicar-se com o grupo e assentir aos seus valores, especialmente se este grupo for a família.

Henry Lefebvre (4) dá uma pista sobre o assunto, quando afirma que a família é a forma de dependência do indivíduo a uma estrutura social determinada, "estrutura (...) que, em condições históricas, igualmente determinadas, se destaca do indivíduo e se opõe a ele, enquanto que ele se opõe a ela; mas, por isso, a família não desaparece".

A conclusão é clara: a partir do momento em que há uma oposição mútua entre o indivíduo e a estrutura social, e sendo a família "a forma de dependência" do indivíduo a essa estrutura, passam a existir condições excepcionais de choque entre ele e seu grupo primário principal — a família. Entretanto, Lefebvre não esclarece que condições históricas são essas, nem o processo de seu surgimento.

De qualquer maneira, pode-se afirmar que o indivíduo, hoje, se liberta muito cedo da influência direta da família, perdendo, nos meados da segunda década da sua vida, a dependência quase absoluta que, em épocas passadas, outros indivíduos conservavam por mais longo tempo.

Sabe-se, ademais, que a intensidade de dependência cresce à medida que a importância da permanência no grupo aumenta para o indivíduo, e decresce à medida que suas opiniões e atitudes estão radicadas em outro grupo e desempenham papel importante na satisfação de suas necessidades pessoais. Isto porque o indivíduo não está apenas relacionado com os grupos primários, aos quais pertence, mas com muitos outros, variando bastante, portanto, a importância de cada um deles em diferentes momentos de sua vida.

Aí parece residir a raiz da questão, pois há, neste relacionamento, uma série de interrogações de indiscutível validade. Por exemplo: Qual é a resposta do indivíduo, quando precisa reagir a uma mensagem, dentro de múltiplos papéis, como membro de grupos de referência conflitantes? Como os grupos primários se inter-relacionam entre si e com os grupos secundários? E como estes grupos se integram no processo e na estrutura social abrangente? (5).

O que se sabe, até agora, é que suas percepções estão ajustadas a necessidades, valores, emoções e experiências passadas. Mas, em se tratando do homem, não há rigidez de regras, nem normas que não possam ser desrespeitadas. E o fato de a personalidade ser um processo nunca concluído torna incerta, quase sempre, qualquer previsão.

Uma coisa, porém, parece certa: não só a família é forma de dependência a uma estrutura social determinada, como diz Lefebvre; também o são a comunidade, a escola e os demais grupos secundários da sociedade. A família é, entre eles, apenas a encarregada pelo sistema social de manter os primeiros contatos e integrar o recém-vindo à estrutura de que ela é parte. Cabe ao indivíduo estabelecer os contatos com outros grupos e, mais tarde, de posse de elementos esclarecedores de suas possibilidades e dos limites de suas atividades, assumir posições modificadoras ou não na sociedade.

Frise-se, contudo, que as possibilidades e os limites do indivíduo não são indeterminados. São, antes, suas "condições sociais de existência, formas de propriedade e também maneiras de pensar, agir, e de sentir, que foram elaboradas por sua classe a partir das bases materiais e das relações sociais correspondentes" (6).

## **A CULTURA DE MASSA**

Temos estabelecido até agora que o indivíduo não é atingido por uma mensagem diretamente, como um membro anônimo e isolado de uma sociedade de massa. O recebimento da mensagem pelo indivíduo é sempre mediado pelos grupos sociais aos quais ele pertence.

É possível afirmar-se, contudo, que, não havendo integração do indivíduo na família — seu grupo primário principal — e, conseqüentemente, ocorrendo choque entre o indivíduo e as expectativas deste grupo, pode ele ser atingido por uma comunicação que mais se coaduna com as expectativas de outros grupos a que pertença. Isto se a falta de integração

na família já não foi consequência de ter sido o indivíduo anteriormente influenciado por outros grupos.

Em outras palavras: as mensagens da cultura de massa são mediadas pelos grupos primários, mas pode haver também uma comunicação entre ela e o indivíduo, mediada por um ou mais grupos com objetivos diversos daqueles dos grupos primários. O que não invalida, de qualquer forma, a afirmativa de que a família permanece como mediadora, pois, segundo Kardiner, as relações familiares são as instituições primárias que formam a estrutura de personalidade básica do indivíduo.

Quando, portanto, as mensagens da cultura de massa o atingem, o indivíduo já sofreu, pelo menos, a influência poderosa (estrutural) do primeiro e principal grupo primário — a família. A cultura de massa só pode, por conseguinte, pressionar o indivíduo através desta mediadora primária. É impossível aquela chegar a ele antes desta.

O que pode ocorrer — e é a isto que queremos chegar — é uma pressão dupla da cultura de massa: sobre o indivíduo, como elemento modificador do ambiente onde vive, no sentido de torná-lo, desde cedo, seu aliado contra a estrutura familiar; e sobre a família, no sentido de desarticular sua estrutura e propiciar-lhe a formação de uma outra, por necessidade de sobreviver integrada.

Atingidos o indivíduo e a família, estariam, ao que parece, atingidos também os demais grupos primários, já que o processo é global.

A pressão da cultura de massa sobre o indivíduo se faz, principalmente, pela facilidade de acesso imediato a todo tipo de informação que ela lhe oferece. Informação esta que varia desde a frieza mais imparcial da notícia, até a altíssima emocionalidade das fotonovelas, passando pelas soluções fantásticas dos problemas nos **comics** e pela violência desmedida dos personagens de filmes de TV e cinema.

Sobre a família, a cultura de massa descarrega, através dos mesmos veículos de comunicação — inclusive os **comics**, muito lidos pelos adultos —, uma infinidade de sugestões para a consecução de uma felicidade na qual, diz Morin, em lugar da antiga separação pai de um lado, mãe e filhos do outro, surge um novo esquema baseado no casal de um lado e filhos do outro.

O soberano masculino de antigamente, por imposição da cultura de massa, está perto do fim. Hoje, homem e mulher quase se igualam. E a cada dia desaparece a distância entre o chefe expressivo (a mãe) e o chefe instrumental (o pai), o que faz surgir uma chefia colegiada, que, embora transforme os todo-poderosos chefes de família em companheiros afetuosos de suas esposas, torna difícil à criança identificar-se com aquele que seria seu modelo natural de ação.

Para Edgar Morin (7), que analisou exaustivamente esta face do problema, a conclusão é uma só: “a decadência da imagem do pai e da

mãe se dá em benefício, de um lado, de grandes autoridades paternas, como a nação, que é o Estado-pai e Pátria-mãe, a Igreja, até mesmo o Partido e, de outro lado, dos modelos da cultura de massa”.

No contexto, em função da crise geral que abala, no mundo de hoje, estas “grandes autoridades”, aparecem, como os maiores beneficiados, exatamente aqueles que, como dissemos atrás, vão formar a personalidade do indivíduo — os modelos da cultura de massa.

Umberto Eco (8) observa também o mesmo fato: “um dos elementos de crise para a civilização burguesa contemporânea é dado pela incapacidade, por parte do homem médio, de subtrair-se a sistemas de formas adquiridas que lhe são fornecidas de fora, que ele não conquistou através de uma exploração pessoal da realidade. Doenças sociais tais como o conformismo ou a heterodireção, o gregarismo e a massificação, são justamente fruto de uma aquisição passiva de ‘standards’ de compreensão e juízo, identificados como a ‘boa forma’ tanto em moral quanto em política, em dialética como no campo da moda, ao nível dos gastos estéticos ou dos princípios pedagógicos”.

Ora, se a decadência da imagem do pai e da mãe, embora ocasione um melhor relacionamento entre ambos, beneficia os modelos de cultura de massa; e se o progresso verdadeiramente sensacional da ciência e da tecnologia destrona igualmente a experiência dos velhos (não há mais sabedoria — diz Morin, numa constatação de profundidade), os modelos de conduta do indivíduo, notadamente na infância e na juventude, estão, irrecusavelmente, no comportamento dos heróis de filmes, de fotonovelas, dos **comics**, das canções.

O jovem de hoje, mais do que os adultos — mas também estes —, parece viver os limites estabelecidos, de um lado, pelas evasões projetivas e, de outro, pela imitação pura e simples do comportamento manifesto dos seus heróis.

OTHON JAMBEIRO

- 1 Morin, Edgar. *Cultura de massa no século XX*. Rio de Janeiro, Forense, 1967.
- 2 Kardiner, Abram. “O conceito de personalidade básica”. In: Cardoso, F.H. & Laury, O. *Homem e sociedade*. São Paulo, Nacional, 1968.
- 3 Coelho, Ruy. *Estrutura social e dinâmica psicológica*. São Paulo, Ed. da USP, 1969.
- 4 Lefebvre, Henry. *O conceito de estrutura em Marx*. São Paulo, USP, Ceupes, 1969. Apostila.
- 5 Riley, J. & Riley, M. *Comunicação de massa e o sistema social*. In: So

*ciology today*. New York. Basic Books, 1961.

6 Lefebvre, op. cit.

7 Morin, op. cit.

8 Eco, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo, Perspectiva, 1968.